

FREDERICO MAZZUCHELLI

# Os anos de chumbo

Economia e política internacional  
no entreguerras



# A Economia Mundial no Entreguerras

(Notas Sobre o Livro de F. Mazzucchelli)

Lincoln Secco  
Livre Docente em História  
Contemporânea na USP

O economista e professor da Unicamp Frederico Mazzucchelli já era reconhecido pela análise de Marx em seu livro “A Contradição em Processo”. Em 2009 ele fez uma incursão no campo da economia retrospectiva, aliando seu saber econômico à pesquisa histórica. O resultado: *Os anos de chumbo. Economia e Política Internacional no entreguerras* (Campinas: Unesp, 2009, 429 páginas).

A obra não se limita ao período anunciado no título, pois faz um retorno ao século XIX e dá muitas pistas para o historiador econômico entender a dinâmica do capitalismo oitocentista. Mazzucchelli percorre o período do livre-câmbio (sob a égide da Grã Bretanha), faz uma narrativa política das duas guerras mundiais e acrescenta muitos dados econômicos acerca de EUA, França, Inglaterra, República de Weimar e (em menor medida) URSS.

Especial é a parte do livro que estuda a oficina do mundo. O autor mostra como a Inglaterra submeteu o capital agrário ao industrial em 1846 (ao revogar as *Corn Laws*), barateando os alimentos e, portanto, a sua força de trabalho e elevando as oportunidades para a Marinha Mercante, os estaleiros e as seguradoras. Originalmente os proprietários agrários e comerciantes investiram recursos próprios na industrialização, enquanto os bancos, embora carreassem os lucros do tráfico de escravos e das colônias para Londres, só tiveram papel significativo no empréstimo do capital de giro das empresas. Os industriais ampliavam a produção reinvestindo os lucros. O desenvolvimento inglês, lastreado na indústria têxtil, não demandava

grandes recursos para capital fixo. E, depois, no ciclo ferroviário, usava uma tecnologia de fácil mimetização pelos retardatários.

Mas é, de fato, o mundo destruído pela Grande Guerra que interessou a Mazzucchelli. O período entre as guerras destruiu a economia nos dois sentidos que a palavra pode ter. Fez desabar a economia real e soçobrar o edifício teórico que lhe dava sustentação ideológica. As proposições da economia clássica foram vistas como ingênuas e o keynesianismo assumiu o lugar do liberalismo econômico.

As necessidades da guerra tornaram a balança comercial da Europa com EUA, Canadá e Argentina extremamente desfavorável ao velho mundo. Em 1913 isto já acontecia, mas não na intensidade que se verificava em 1918. Além disso, a Europa, antes credora, se tornou devedora. Só os EUA se mantiveram como credores mundiais.

O velho Heitor Ferreira Lima, em seu manual *Do imperialismo à libertação colonial*, mostrou que três foram as consequências financeiras da Guerra:

1. Fim progressivo do padrão ouro;
2. Os EUA se tornaram os grandes banqueiros e financiadores do mundo;
3. A tendência crescente dos governos para controlar os “bancos centrais”.

A queda da produção, os gastos crescentes do Estado para pagar suas obrigações e as reparações pareciam levar especialmente Alemanha, Áustria e Hungria a uma inflação galopante. Só na Alemanha havia 1783 prensas imprimindo dinheiro!

É neste ponto que Mazzucchelli apresenta três explicações para o processo inflacionário alemão:

1. Os economistas monetaristas (aliados) tendiam a explicá-lo simplesmente pela emissão de papel moeda por um governo perdulário que gerava inflação para não pagar as reparações.
2. A Direita (Helfferich, do DNVP) colocava a origem do problema no pagamento das reparações e, portanto, no balanço de pagamentos.
3. Mazzucchelli prefere acentuar a perda de confiança na moeda, devida a fatores políticos.

Ora, em julho de 1922 a Alemanha suspendeu o pagamento de reparações e, em janeiro de 1923, o Ruhr foi ocupado. Foi a partir daí que se acentuou a desvalorização cambial.

Há uma relação direta entre desvalorização do câmbio e inflação, enquanto essa relação nem sempre ocorre entre circulação monetária e câmbio, segundo dados da época. Há uma causalidade câmbio – preço, segundo Mazzucchelli. Entre fevereiro de 1920 e maio de 1921 o marco se valorizou e foi com a formação do gabinete de centro em junho de 1920 que o dólar caiu ao seu nível mais baixo na Alemanha.

### **Alemanha: Variações Percentuais dos índices de Preços, Dólar, Circulação Monetária e Dívida Flutuante<sup>1</sup>**

	Preços-atacado	Dólar	Circulação	Dívida flutuante
Nov 1918 - Jul 1919	43	129	57	58
Jul 1919 - Fev 1920	255	557	30	17
Fev 1920 - Mai 1921	5	.37	50	99
Mai 1921 - Jul 1922	635	692	149	74
Jul 1922 - Jun 1923	18.094	22.201	9.457	7.049
Jun 1923 - Nov 1923	Exponencial	-	-	-

Fonte: Mazzucchelli / Bresciani-Turroni

A tabela mostra relação estreita entre variações do câmbio e preços, mas não entre circulação monetária e inflação. Portanto, é a instabilidade cambial a causa da inflação. A moeda fiduciária precisa da confiança do público. Quando esta confiança cai há uma busca por moeda forte estrangeira e o dólar dispara.

É curioso que este tema foi muito importante no debate econômico brasileiro nos anos oitenta, quando a crise da dívida e a inflação galopante geraram várias teorias sobre a persistente subida dos preços. Assim, uma explicação não citada por Mazzucchelli reside no fato de o governo alemão precisar ter superávit fiscal para pagar as reparações de guerra. Assim, elevava os impostos. Os capitalistas repassavam para os preços e os trabalhadores lutavam por aumentos salariais anulados pela inflação decorrente do aumento de preços. Havia um conflito distributivo na base do processo inflacionário. Esta era a visão dos economistas de esquerda (como Paul Singer) que propugnavam no Brasil um pacto de preços, salários e impostos envolvendo empresários, trabalhadores e governo.

O autor lembra que as contas públicas eram financiadas basicamente por bônus do tesouro, prontamente descontados pelo Reichsbank. Era uma dívida de curto prazo. Era a monetização contínua da dívida pública que gerava liquidez constante na economia e a fuga para o dólar e para a imobilização de dinheiro em capital fixo.

A Alemanha estava à beira do colapso. O marco-papel não funcionava mais como meio de pagamento ou reserva de valor, só como unidade de conta. Havia a proposta de se substituir a moeda por um marco lastreado em ouro. Mas o país não dispunha de reservas para isso. Lançou-se em 1924 o Rentenmark (marco de pensão ou segurança), moeda puramente interna, sem curso forçado, não negociável em mercados estrangeiros, garantido por apólices de marco ouro que se lastreavam no centeio ou hipotecas de propriedades. Era uma garantia ilusória, mas funcionou. Tratava-se de uma moeda de valor constante (paridade fixa com o dólar) inicialmente trocada por 1 trilhão de marcos. Futuramente esse mecanismo acabaria e a moeda indexada tornar-se-ia simples moeda.

Tratava-se, na verdade, de uma moeda sem lastro, isto é, fiduciária.

De certa forma, aquela moeda se livrou da memória inflacionária do antigo marco e adquiriu confiança. Este mecanismo inspirou o Plano Real no Brasil, como disse Gustavo Franco no prefácio que ele escreveu para a edição brasileira das memórias de Hjalmar Schacht.

O livro de Mazzucchelli é rico em detalhes e sua análise não se concentra apenas na Alemanha. Na Áustria, Hungria e Polônia houve também reformas monetárias e o autor também descreve as economias francesa, britânica e norte-americana muito bem.

A Inglaterra, por exemplo, manteve-se na ortodoxia liberal. Em 1925 o padrão ouro foi restabelecido e, depois de uma desvalorização da libra, foi restabelecida a conversibilidade em lingotes, deixando de circular as moedas de ouro. Churchill valorizou a libra em 10% e como os custos da indústria não caíram na mesma proporção, as exportações britânicas ficaram mais caras e isto afetou o balanço de pagamentos. De acordo com o padrão de pensamento econômico da época, isto fazia sentido desde que os operários aceitassem redução de salários para rebaixar os custos da indústria. Mas eles não aceitaram!

Afinal, a economia clássica considerava que o normal era o equilíbrio, portanto o pleno emprego. Ou seja: toda a pessoa que produz, o faz para vender e comprar outra mercadoria. Assim, a oferta sempre encontra a sua demanda. A economia de mercado é capaz de alocar otimamente os seus recursos. Se há desemprego é por causa da violação dos mercados pelos monopólios (Estado, sindicato). O desemprego existe porque os sindicatos impedem que as pessoas vendam sua força de trabalho por um preço menor. Se o

fizessem, haveria empresários interessados em aumentar o emprego sem encarecer demais seus custos.

Com o Plano Dawes, as finanças alemãs se equilibraram. Os EUA se comprometeram a emprestar dinheiro à Alemanha. Estabeleceu-se uma moeda com padrão ouro não cunhado (lastro), o Ruhr foi evacuado e o Banco da Inglaterra forneceu um empréstimo em ouro. Mas decisivo, para Mazzucchelli, foi o aperto nos gastos do Estado, o equilíbrio orçamentário (havia um limite de 762 milhões de dólares) e a intervenção do Reichsbank no mercado de câmbio, vendendo dólares quando sua procura aumentava.

A alma do Plano Dawes consistia no fato de que os EUA emprestavam dinheiro à Alemanha, esta pagava reparações de guerra aos aliados e estes amortizavam suas dívidas do período da Guerra aos EUA!

A Alemanha lançou *bonds* nos mercados financeiros mundiais (metade nos EUA) e usou o endividamento externo para financiar seu déficit comercial e público.

### **Economia Nazista**

A parte do livro sobre a economia alemã dos anos trinta é a mais impressionante. O fim último do nazismo era o rearmamento, mas de nada adiantaria isto sem a superação do desemprego. Até 1936 este foi o principal problema enfrentado através de obras públicas (rodovias, auxílio à agricultura, indústria automotiva, a qual tinha muitos nexos industriais etc).

O financiamento deu-se com o aumento do imposto de renda e expansão da dívida pública. O notável Hjalmar Schacht (ex-crítico teatral e mau aluno de economia) lançou letras privadas (MEFO bills). MEFO era a sigla de uma empresa privada fictícia, a Metall-Forschungs A. G. Criada em agosto de 1933 com o apoio das metalúrgicas Krupp, Siemens, Rheinmetall e uma empresa de sugestivo nome: Gutehoffnungshutte (fundição da boa esperança, embora Hutte seja também “cabana”).<sup>2</sup>

Era um título privado com cobertura do Reichsbank. O governo pagava os fornecimentos para o rearmamento em MEFO Bills. Tornou-se um ativo financeiro usado nas transações comerciais entre as empresas. Representavam 40% das despesas militares de rearmamento. Assim, parte do rearmamento foi feita “em segredo estatístico”, já que aqueles títulos eram privados (informação de grande importância trazida por este livro de Mazzucchelli). Assim,

Schacht fez o Reichsbank transcender as funções de um banco central e atuar como um banco de fomento, conforme o autor.

Toda a recuperação alemã baseou-se no incremento da produção de bens de capital e não de bens de consumo como o *new deal* (nova partilha) dos EUA. A indústria pesada cresceu 200% entre 1932 e 1938 e a de bens de consumo apenas 38% no mesmo período.

### **Comércio Exterior**

Quando Inglaterra e EUA desvalorizaram suas moedas em 1931 e 1933, a Alemanha manteve a paridade do marco com o ouro. Isso significou valorização da moeda alemã:

“Os devedores alemães pagavam suas dívidas com os marcos valorizados. Os marcos eram depositados na caixa de conversão. A transferência do equivalente em divisas para o exterior, entretanto, havia sido bloqueada (...). Os credores da Alemanha, contudo, poderiam se valer dos marcos depositados na caixa de conversão a que tinham direito para realizar gastos na Alemanha (turismo, investimentos, aquisição de bens etc).” (Mazzucchelli, p. 303).

O que Schacht fez foi valorizar o câmbio, declarar uma moratória e criar uma caixa de conversão. Assim, o devedor alemão saldava seus compromissos no exterior, com marcos apreciados, o governo retinha mais divisas através da moratória e estimulava os gastos de estrangeiros na Alemanha, pois os pagamentos dos devedores alemães geravam um crédito aos credores externos na caixa de conversão.

Tudo isso implicava uma absoluta centralização cambial. Mas qual o efeito da manutenção de uma moeda forte, o *Rentenmark*, sobre a balança comercial?

Entre 1928 e 1938 o saldo da balança comercial foi somente equilibrado, nunca sendo algo importante economicamente. Schacht conseguiu mantê-lo assim através de acordos bilaterais com 25 países através de contas de compensação sem o uso de divisas. Assim, se um país comprasse menos do que enviava para a Alemanha, isto apenas gerava um crédito para eles fazerem compras futuras na própria Alemanha. Toda a moeda funcionava apenas como unidade de conta. Era quase um escambo.

O resultado a que tudo isto levou pode ser resumido em dois temas: a Segunda Guerra Mundial, muito bem analisada pelo autor e à mudança do paradigma do pensamento econômico.

De todos os temas que Keynes reformulou, o de maior impacto político foi o do emprego.

Pleno emprego é uma definição econômica e nada tem a ver com todas as pessoas trabalhando. Sem os monopólios só haveria desemprego voluntário: há pessoas que escolhem a ociosidade. O desemprego friccional decorre de imperfeições do mercado de trabalho (trabalho sazonal, falta de informação sobre locais que precisam de empregados, escassez de matéria prima, avaria na maquinaria, falência numa empresa e surgimento de outra etc. Para haver pleno emprego basta que não haja desemprego *involuntário*. Na economia clássica não há desemprego involuntário. Se os trabalhadores não fossem regulados por sindicatos que violam a lei da oferta e procura de trabalho, eles poderiam se vender por um preço menor em momentos de baixa procura da sua mercadoria e sempre estariam empregados.

O que Keynes percebeu (contra Pigou) é que não era razoável politicamente proibir sindicatos. Por isso, devia haver outra saída para o desemprego. Sua descoberta: o volume de emprego não decorria dos sindicatos, mas da procura efetiva.

O livro em questão ajudará não só o economista, mas o historiador econômico e, também, o historiador político. Mazzucchelli finalizou seu estudo sobre os anos de chumbo no exato momento em que uma nova crise assolava Wall Street e o cineasta Oliver Stone preparava sua continuação da saga especulativa nos Estados Unidos.

Curiosamente, o autor termina com algumas rápidas considerações sobre a alvorada dos trinta anos gloriosos: inovação tecnológica, recuperação alemã e japonesa, Plano Marshall, Bretton-Woods, pleno emprego e Estado de Bem Estar. Foi uma demonstração notável de sobrevivência do capitalismo depois de duas guerras imperialistas ainda vivas na memória, dos sucessivos déficits do Balanço de Pagamentos norte-americano e da corrida armamentista. Mas naquela época de ouro gestava-se uma outra crise que, nos anos 1970, abalaria as economias e derrubaria aquele consenso social democrata tão arduamente conquistado.

## Notas

1. A dívida pública, quanto ao prazo de vencimento, pode ser fluante ou consolidada, dependendo do prazo maior ou menor em que é contraída. A Dívida Consolidada é constituída pelos títulos da dívida pública lançados pelo Estado para se financiar, empréstimos, financiamentos etc.
2. Hute (com um “r”) é chapéu.